

# A Escola e o Escotismo

Por HELENA ANTIPOFF

Os primeiros pensamentos dirigem-se à memória daquele que, neste mesmo mês de Junho, exatamente um ano atrás, veio, a nosso convite, dirigir um acampamento escola para chefes escoteiros de Minas.

Com a saúde já bastante abalada, mas com o coração sempre generoso, êste escoteiro de pura água, não poupou esforços para que cêrca de cinquenta chefes e monitores, vindos de todos os recantos de Minas Gerais, tivessem lá, ao pé da Serra da Piedade, a mais de mil metros de altitude, todo o conforto material e moral necessário. Ensinou com palavras, ensinou com exemplos, gravando para sempre na memória dos escoteiros mineiros esta figura-modêlo do Escoteiro, amável aos homens, útil à patria, agradável a Deus.

O Chefe Azambuja Neves, desaparecendo depois de ter prestado serviços tão valorosos, deixa em nós a mais amarga das saudades.

\* \* \*

Observando a realidade brasileira e notando quão escassas estão ainda as associações juvenis, firma-se no meu espírito esta convicção: não espalhar as energias em terrenos por demais extensos, mas concentrá-las num campo de ação mais restrito e que respondam às exigências mais urgentes.

*Será oportuna, atualmente, a implantação do escotismo na escola primária pública?* Não vejo nem possibilidade material, nem urgência, nem vantagem moral.

*a) Quanto à possibilidade material* opõem-se a isto: as proporções reduzidas do movimento escoteiro no Brasil; o número pequeno de tropas com orientação verdadeiramente escoteira; o pequeno número de chefes com formação técnica segura; a ausência, em regra geral, do interesse por parte da sociedade e dos pais; a insignificância do auxílio por parte dos Governos; a falta de união e de articulação entre tropas, associações, e o órgão centralizador e orientador do movimento, ligado com o quartel geral do Escotismo mundial.

A expansão em larga escala, no seu estado atual, prejudicaria a integridade do escotismo e diminuiria o seu valor educativo. A experiência mostrou como foi disvirtuado, quando decretado nas escolas públicas, sem o preparo, nem as precauções necessárias; o escotismo ficou simplesmente reduzido a exercícios físicos e mar-

chas extenuantes de centenas de crianças, sob o comando de alguns jovens inexperientes e alheios às preocupações pedagógicas. Nestas condições, o fracasso é fatal. Não nos esqueçamos de que a escola de Baden-Powell representa uma obra de educação integral do adolescente, na qual o seu instrumento mais característico consiste na organização de pequenos núcleos (patrulhas) no seio dos quais se forma lentamente e cresce com vigor, sob a orientação de um chefe de vocação e tecnicamente preparado, o verdadeiro espírito escoteiro.

*b) Quanto à urgência*—Comparada com outras instituições de ensino, a escola pública primária tem realizado no Brasil, nestes últimos tempos, notáveis progressos. Dentro da escola, a criança recebe uma assistência de caráter material e espiritual bastante eficiente. A criança gosta da escola e encontra nela o ambiente próprio às suas necessidades. O tipo de aluno apático, preguiçoso, revoltado, astucioso, inimigo da escola e do mestre, tão comumente encontrado na escola antiga, tem, por assim dizer, completamente desaparecido. Os esforços que se notam em todo o Brasil, em pro do melhoramento da escola primária, e que estão se fazendo com os próprios recursos da escola, prometem incessantes progressos, capazes de garantir a infância, entre 7 e 12 anos, seu desenvolvimento integral.

*c) Quanto à vantagem*—Nesta renovação da escola pública primária, notamos nela inúmeros pontos de contacto com os princípios e os próprios processos tão em uso no escotismo: o *self-government*, o trabalho em grupos, a variedade de atividades, a educação física, a intimidade com a natureza, tomam um lugar cada vez maior na escola diária. Os grêmios, clubs, jornais escolares, hortas, orquestras, etc. chamam os alunos a ocupar-se freqüentemente fora do horário das aulas a dedicar à escola mais tempo.

Qualquer outra instituição estranha à escola, com objetivos educativos, prejudicará esta socialização da escola e a intimidade do aluno com sua alma máter, desanima o professor, vendo seus mais ativos elementos desviarem a atenção para fora.

Não somente trará desvantagem para integridade da escola esta intromissão do escotismo dentro do ambiente escolar, mas também sofrerá com isso o próprio escotismo.

A tropa, a patrulha, a associação escoteira de formação *sui generis*, moldados nos padrões internacionais, representam uma instituição autônoma, com responsabilidades dirigidas apenas para

seu órgão superior, altamente reconhecido pelas autoridades públicas do país onde ela se desenvolve. Assim também a orientação, a direção e o controle não podem vir senão dos órgãos especiais do escotismo.

Funcionando dentro do grupo escolar e, mais ainda, quando dentro do horário escolar, a instituição escoteira forçosamente deve muito se adaptar e obedecer ao regime da casa. Sendo os chefes de patrulhas, e mesmo de tropas, como é freqüente ainda no Brasil, adolescentes de 14 a 18 anos, estes jovens sentem-se constrangidos perante as professoras, a diretora, outros caem no defeito contrário, tomando ares de independência e introduzem um certo dualismo na educação da casa. Inúmeros conflitos registrados entre chefes-escoteiros e a direção da escola que se deram nas escolas de Belo Horizonte, mostram quanto é delicada esta questão do escotismo na escola.

## O ESCOTISMO NO PERÍODO POST-ESCOLAR

Si não há para a escola primária, nem urgência, nem grandes vantagens para o cultivo do escotismo dentro de suas muralhas, ha entretanto, no Brasil, um campo bem propício a seu desenvolvimento: refiro-me à adolescência post-escolar, e principalmente à adolescência desamparada.

Esta parte da população brasileira é a mais desprotegida de todas. A criança pequena tem seu lar; entre 7 e 12 anos, ao lar, cuja influência ainda está bem forte, vem se juntando a da escola, ampla e benéfica, como acabamos de ver.

O adolescente, desligado da escola ou porque já tirou o diploma do curso primário, ou porque a idade avançada tolhe-o a freqüentar por mais tempo, neste momento crítico para sua futura formação, relaxa êle seus laços com a família, procurando outros ambientes. Raros ainda são aqueles que já foram, aos 12 ou 13 anos, incorporados no trabalho profissional, êste último representando para o adulto um quadro de vida disciplinar e socialmente propício. Com o desenvolvimento do maquinismo e a crise econômica mais aguda, o adolescente cada vez mais tarde será chamado a trabalhar. Assim, entre dois mundos, o da infância e da idade adulta, no estado de maior fragilidade corporal e vulnerabilidade moral, acha-se êle desamparado e mais que nunca sozinho.

Como são relativamente poucos os que continuam seus estudos secundários e técnicos, o número de adolescentes sem ocupações sérias e sem proteção, é enorme no Brasil. E ali pois que devem ser orientadas também as preocupações dos dirigentes, e é ali que as associações juvenis podem aplicar magnificamente sua ação educativa.

A assistência aos adolescentes, sob a forma de associações juvenis bem organizadas é a mais indicada: é nesta época que a tendência ao grupamento é mais forte e é quando o "self-government" dá melhor resultado. Lembramos a êste respeito a recente pesquisa do Bureau Internacional de Educação de Genebra, mostrando que existem dois períodos mais propícios para isto: entre 11 e 15 anos, a mais característica de todas, e entre 15 e 18 anos, ainda bastante intensa, encontrada entre alunos da escola secundária.

O instinto gregário, que incita os jovens a procurarem os indivíduos da mesma idade e do mesmo sexo, tem uma grande significação biológica e social. Os alunos entre 11 e 15 anos que o Laboratório de Psicologia da Escola de Aperfeiçoamento (Belo Horizonte) examinou no último ano de escola primária, tem revelado uma verdadeira antipatia de um sexo para o outro. Crescidos juntos, tanto no lar, como no grupo escolar, pois a educação é mixta neste período, os meninos reclamam aulas separadas das meninas, o que é também o desejo das meninas; a crítica de um sexo para o outro é das mais severas e os termos pejorativos que êles se dirigem mutuamente revelam uma sincera e natural repulsão de uns para os outros neste período da sua vida.

Enquanto as tendências gregárias estão se satisfazendo, o adolescente continua a cuidar do seu desenvolvimento individual, treina suas faculdades e toma consciência da sua personalidade física e espiritual.

Vivendo no meio de seus semelhantes, manifestando-se e lutando entre iguais, o adolescente forma-se ainda como membro de uma democracia, de cujas leis, êle e seus companheiros são os próprios autores; este representa um importante fator no desenvolvi-

mento do futuro cidadão, que se prepara para esta tarefa social, exercitando sua iniciativa e sua responsabilidade, ensaiando os direitos e as obrigações sob o severo controle e na mais estreita cooperação entre iguais. (Ver a êste respeito os notáveis trabalhos experimentais de Jean Piaget sobre o desenvolvimento do julgamento moral).

Pois bem, enquanto as energias do adolescente entre 12 e 18 anos mais ou menos, nestas associações entre pessoas da mesma idade e do mesmo sexo, estão ativamente orientadas para sua formação, como indivíduo e como membro da democracia, uma outra função, ao serviço da espécie, vem naturalmente e sem conflito amadurecendo, até que, na idade núbil, depois de 18 anos, ela possa ser satisfeita nos quadros sancionados pela tradição e pela lei, na família, no matrimônio.

Assim, as associações juvenis realizam nesta época uma obra propulsora e preventiva ao mesmo tempo, incentivando o desenvolvimento individual e social e garantindo o organismo e o espírito dos gastos precoces e devastadores para futuras gerações.

O desenvolvimento de agremiações juvenis de toda espécie é o que prodigiosamente caracteriza a juventude do nosso tempo. A expansão enorme das Young Men and Young Women Christian Associations, de Big Brothers e Big Sisters, dos Knights of Columbus, e Cavaleiros Católicos, dos Wandervogels, dos Socols, da Ação Pró-Juventude, de enormes movimentos de preparo político da infância e da mocidade, como são os de Balilas, de Hitlerjugende, de Komsomol e de pioneiros soviéticos, além de legiões de grêmios esportivos locais, regionais e nacionais. Entre todos êstes movimentos e dos Boys Scouts apresenta-se atualmente como um dos mais poderosos nos Estados Unidos, na Inglaterra, na França e na Polônia, em particular.

No Brasil, onde, de modo geral, as associações juvenis, fora dos grêmios esportivos estão relativamente pouco desenvolvidos, o escotismo representa o papel mais saliente de todas. E' de toda a vantagem aproveitar os núcleos existentes no país, favorecendo os melhores entre êles e incentivar sua atividade, tornando-as instituições de verdadeira utilidade pública.